

# Seis cadetes levam urna ao Planalto

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O cortejo fúnebre com o corpo do presidente eleito Tancredo Neves chegou ao Palácio do Planalto às 17h40, 40 minutos atrasado, embora tenha sido apressado nas últimas etapas do percurso a pedido da própria família e do governo, a fim de possibilitar que as milhares de pessoas postadas na Praça dos três Poderes desde as 13 horas pudessem dar início à visita pública. A família do presidente eleito já estava no Palácio, no topo da rampa em companhia do presidente José Sarney e dona Marly.

O esquife foi retirado do carro de combate por seis cadetes das três armas em uniformes de gala. O trabalho levou alguns minutos, acompanhado em silêncio. No Salão Nobre estavam os ministros e governadores, familiares, representantes da Igreja e centenas de parlamentares, que começaram a chegar antes das 13 horas. O primeiro ministro a chegar foi Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, que ficou meia hora no salão até ser informado que seus colegas estavam no gabinete presidencial.

O chefe do Cerimonial, ministro Alves de Souza, desceu a rampa para receber o esquife, que foi acompanhado por uma guarda de honra de mais seis soldados. O caixão foi colocado sobre a mesa tendo ao fundo um painel branco, com uma grande escultura de Cristo em madeira. De cada lado, dois grandes castiçais com velas. À frente, sobre uma almofada de veludo, o colar da Ordem Nacional do Mérito concedido na véspera por ato do presidente José Sarney. Dona Risoleta, os netos Aécio e Andréia, os filhos Tancredo Augusto, Maria Inês e Maria do Carmo, juntos com o presidente Sarney e dona Marly, assistiram à entrada do caixão enquanto era iniciada a salva de 21 tiros de canhão, o silêncio era quebrado pelos gritos de "Tancredo, Tancredo" e "O povo, unido, jamais

será vencido" entoados pelos populares, contidos pela Polícia do Exército a uma distância de mais de mil metros do Palácio.

O povo começou a aplaudir durante a subida da rampa, e quando o esquife, conduzido pelos soldados, entrou no Salão Nobre do Palácio, foi saudado por palmas durante três minutos, até ser colocado sobre a mesa. Os governadores e ministros desceram pela rampa do gabinete do presidente e ficaram de pé diante do caixão. À esquerda, a família e os amigos mais íntimos do presidente eleito Tancredo Neves, como o publicitário Mauro Salles e a cantora Fafá de Belém, e, à direita uma fila de cadeiras reservadas aos representantes da Igreja. Dona Risoleta, Sarney e dona Marly ficaram sentados alguns metros adiante da família do presidente falecido, mais próximos do esquife. Antonio Carlos Magalhães, na segunda fila, exugava as lágrimas com um lenço branco.

A cerimônia religiosa celebrada pelo arcebispo de Brasília, dom José Costa Falcão, começou às 18 horas, com acompanhamento do Madrigal e Orquestra da Escola Nacional de Música de Brasília, de interpretou, a pedido do cerimonial e da família de Tancredo, músicas barrocas, entre elas a "Sinfonia Fúnebre", "Três Respostas", "Missa de Requiem" e "Memento baiano", todas de autores brasileiros. Poucos minutos depois de iniciada a cerimônia, subiram a rampa, atrasados, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, do Senado, José Fragelli, e os líderes Pimenta da Veiga, Humberto Lucena e Fernando Henrique Cardoso, além do presidente do STF, José Carlos Moreira Alves.

Dona Risoleta acompanhou toda a cerimônia demonstrando firmeza, de óculos escuros, aparentando estar plenamente recuperada da indisposição que a acometeu durante o cortejo fúnebre. No meio da cerimônia, o neto e secretário particular do presidente eleito, Aécio Neves Cunha, levantou a tampa de madeira da parte superior do caixão, e apenas o vidro, embaçado, passou a encobrir o rosto de Tancredo Neves. Um dos religiosos conduziu Aécio para o lado do esquife, e de longe alguns presentes puderam distinguir a faixa presidencial no peito de Tancredo, embora seu rosto não pudesse ser visto com nitidez por causa do vidro embaçado. Pouco antes do final da cerimônia, o presidente Sarney e sua esposa aproximaram-se também do esquife e fizeram o sinal da cruz, enquanto se ajoelhavam. Minutos depois, estava encerrada a cerimônia religiosa, que teve também a participação do nuncio apostólico dom Carlo Furno. Os últimos atos foram combinados pelo chefe do cerimonial com dona Risoleta e o presidente Sarney, durante o desenrolar da cerimônia, mediante consultas em voz baixa.



**O BRASIL SEM  
TANCREDO**